

**O SER MASCULINO EM SOFRIMENTO PSÍQUICO NO CURSO DE ENFERMAGEM****THE MALE BEING IN PSYCHIC SUFFERING IN THE NURSING COURSE****SER HOMBRE EN EL SUFRIMIENTO PSÍQUICO EN EL CURSO DE ENFERMEIRA***Luiz Felipe Sales Maurício¹, João Fernando Marcolan²***RESUMO**

Objetivos: verificar presença de sofrimento psíquico em estudantes do sexo masculino da graduação em Enfermagem relacionado ao gênero e analisar fatores determinantes e atitudes de enfrentamento do sofrimento psíquico. **Método:** estudo descritivo e exploratório, com abordagem quantitativa, realizado em uma universidade pública da cidade de São Paulo (SP), Brasil, com 16 estudantes do sexo masculino. A coleta de dados foi realizada com questionário e os dados armazenados no software SPSS 20, em seguida, analisados, apresentados em tabelas e discutidos com a literatura. **Resultados:** os participantes acreditavam no preconceito determinado sócio-historicamente. Ações de enfrentamento: união entre os homens, mostrar competência, apoio de pessoas afetivas, acreditarem em seu potencial. Determinantes do sofrimento psíquico: preconceito social de gênero, dos docentes e profissionais da Saúde. **Conclusão:** alunos apresentam sofrimento psíquico por serem homens no curso de Enfermagem, estereótipos e preconceitos foram os principais determinantes; a atuação de modo crítico e pró-ativo foram às atitudes de enfrentamento. **Descritores:** Identidade de Gênero; Enfermagem; Sofrimento Psíquico; Saúde Mental.

ABSTRACT

Objectives: to verify the presence of psychic suffering in male students of the Nursing graduation related to gender and to analyze determining factors and attitudes to cope with psychic suffering. **Method:** descriptive and exploratory study, with quantitative approach, carried out at a public university in the city of São Paulo (SP), Brazil, with 16 male students. The data collection was performed with a questionnaire and the data was stored in SPSS software 20, then analyzed, presented in tables and discussed with the literature. **Results:** participants believed in socio-historically determined prejudice. Coping actions: union among men, showing competence, support of affective persons, believing in their potential. Determinants of psychological distress: gender social prejudice, as well as professors' and health professionals' prejudice. **Conclusion:** students present psychic suffering because they are men in the Nursing course, stereotypes and prejudices were the main determinants; the acting in a critical and proactive way were the confronting attitudes. **Descriptors:** Gender Identity; Nurse; Psychic Distress; Mental Health.

RESUMEN

Objetivos: verificar la presencia de malestar psicológico en universitarios de sexo masculino en la enfermería relacionado con el género y examinar los determinantes y las actitudes de afrontamiento de estrés psicológico. **Método:** estudio descriptivo, exploratorio, con enfoque cuantitativo, realizado en una universidad pública de São Paulo (SP), Brasil, con 16 estudiantes de sexo masculino. Se realizó la recolección de datos con el cuestionario y los datos fueron almacenados en el software SPSS 20, después analizados, presentados en tablas y discutidos con la literatura. **Resultados:** los participantes consideraron el prejuicio determinado sociohistóricamente. Acciones de afrontamiento: unión entre los hombres, mostrar la competencia, apoyo de personas afectivas, creer en su potencial. Determinantes de sufrimiento mental: prejuicio de género social, de profesores y profesionales de la salud. **Conclusión:** los estudiantes tienen trastornos psicológicos por ser hombres en el curso de enfermería, los estereotipos y los prejuicios fueron los principales determinantes; la actuación de manera crítica y proactiva fueron las actitudes de afrontamiento. **Descritores:** Identidad de Gênero; Enfermería; Estrés Psicológico; Salud Mental.

¹Enfermeiro, Pós-Graduação em Enfermagem em Urgência e Emergência (Modalidade Residência), Hospital Nove de Julho/H9J. São Paulo (SP), Brasil. E-mail: lf.mauricio@bol.com.br; ²Enfermeiro, Professor Doutor em Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo/UNIFESP. São Paulo (SP), Brasil. E-mail: jfmarcolan@uol.com.br

INTRODUÇÃO

O homem surge na Enfermagem em decorrência de influências religiosas e militares, pela necessidade da força física, autonomia e sob a vertente cultural de que homem serve para tratar os doentes do mesmo sexo, fato que também tornou necessária a integração do homem na profissão.¹

O modelo nightingaleano não permitia o ingresso do ser masculino na profissão, fixado na possibilidade da divisão do trabalho em *ladies nurses* e *nurses*.² Foram estabelecidas barreiras ao ingresso masculino na profissão e algumas ainda não superadas, a persistirem discriminações geradas pelo fato de ser homem em profissão culturalmente feminina.³

A Enfermagem foi pensada como prática feminina e não determina barreiras socioculturais para a atuação da mulher, situação contraditória em relação ao profissional masculino. Como reflexo, ainda há locais que oferecem resistência ao ingresso do homem em algumas áreas da Enfermagem, como ginecologia e pediatria; direciona-o para áreas como centro cirúrgico, pronto socorro ou psiquiatria.⁴

Estudo de âmbito nacional realizado sobre distribuição quantitativa e percentual de profissionais de enfermagem por gênero no Brasil observou que a Enfermagem é profissão predominantemente feminina, composta por 87,24% do sexo feminino.⁵

O que percebemos em nossa vivência é que o estudante do gênero masculino do curso de Enfermagem muitas vezes se sente discriminado pela sociedade ou até mesmo pelos membros da academia quando há generalização do termo as enfermeiras, pois mesmo sendo profissão em que o gênero predominante é o feminino trata-se de profissão composta por homens e mulheres, há diferenças e desigualdades, se trata de enfermeiras e enfermeiros.

Mediante os fatores de gênero e à discriminação verificada e presenciada, se faz necessário pensar o modo como o discurso nightingaleano ainda está presente na formação da Enfermagem, reproduzido no discurso dos profissionais e na própria sociedade. É importante indagar acerca das repercussões psíquicas vivenciadas durante a graduação por discentes do sexo masculino no curso de Enfermagem.

Parte-se do pressuposto de ser possível aos homens desenvolver sofrimento psíquico durante a graduação no curso de Enfermagem, pelo fato de ser minoria na profissão e no

curso, a sofrer com preconceitos e discriminações.

As implicações de se trabalhar com o sofrimento psíquico, considerada sua dimensão social, consiste não só em descrever o sofrimento por parte do homem, mas as relações que ajudam a constituir e proporcionar seu desenvolvimento durante a graduação, pois trazer à luz o conhecimento das causas é importante para propor intervenções, com vistas a diminuir ou sanar essas deficiências e propor ações a auxiliar a construção de nova concepção da presença masculina na Enfermagem.

O estudo teve por objetivos verificar presença de sofrimento psíquico em homens do curso de Enfermagem relacionado ao gênero e analisar fatores determinantes e atitudes de enfrentamento do sofrimento psíquico.

MÉTODO

Artigo extraído do trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de bacharel em enfermagem O ser masculino na enfermagem: sofrimento psíquico por ser homem em um curso de enfermagem, apresentada à Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, de abordagem quantitativa, realizada em 2013. A população foi constituída por 17 estudantes do sexo masculino matriculados nas quatro séries do curso de graduação em Enfermagem de universidade federal no município de São Paulo-SP, Brasil.

A amostra foi delimitada por conveniência com no mínimo 50% da população, distribuídos equitativamente pelas séries, porém com exceção ao pesquisador todos os 16 possíveis alunos participaram da pesquisa.

Para a coleta de dados, o instrumento utilizado foi um questionário semi-estruturado elaborado pelos pesquisadores, aplicado no ano de 2013, contemplando as variáveis independentes: iniciais do nome, idade série; e variáveis resultados: opção do estudante pelo curso de Enfermagem, geração do sofrimento psíquico, fatores desencadeadores e suas atitudes de enfrentamento diante do sofrimento gerado pelo fato de ser homem na Enfermagem.

Inicialmente, obteve-se contato com a diretora da Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP/EPE cuja finalidade foi obter autorização para a realização da pesquisa. Em seguida, os pesquisadores obedeceram às

seguintes etapas: 1) Contato com os estudantes da Universidade; 2) Explicação dos objetivos e procedimentos da pesquisa; 3) Solicitação aos estudantes do apoio para a realização do estudo; 4) Depois de obtida a autorização do estabelecimento, a liberação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de São Paulo e do aceite dos estudantes, a pesquisa foi iniciada com aplicação do instrumento de pesquisa.

O estudo obedeceu às normas para realização de pesquisas que envolvem seres humanos de acordo com a Portaria 466/2012 e foi aprovada pelo CEP da UNIFESP, CAAE nº 07761112.0000.5505, sob parecer nº. 103.245⁶.

Os dados foram analisados estatisticamente por meio do software SPSS 20 e organizados em tabelas.

RESULTADOS

Participaram desta pesquisa 16 alunos do sexo masculino, ou seja, todos os homens que estavam a cursar a graduação em Enfermagem no momento da realização do estudo.

Há questões em que os participantes puderam dar mais de uma resposta devido à complexidade do tema.

A maioria dos alunos era da 3ª série (37,5%), seguidos da 4ª e 1ª séries (25%) e 2ª série (12,5%); caracterizou-se pela presença significativa de adultos jovens, a maioria com idades entre 18 e 23 anos (62,5%).

Quanto a opção pelo curso de Enfermagem houve relatos de a maioria tinha opção por cursar medicina (62,5%), outros relataram ter sofrido influência de terceiros e gostar ou ter conhecimento sobre a Enfermagem (37,5%).

Das 27 respostas referidas sobre o interesse pela profissão se destacaram: ter formação prévia na área, contato ou atuar na área (29,7%), ter ocorrido durante o curso pré-vestibular ou ensino médio (22,2%), influência de familiares ou profissionais da saúde (14,8%), ter pesquisado sobre o mercado de trabalho ou vestibular em Enfermagem (14,8%).

Sobre o interesse pela profissão ocorreram relatos da motivação por terceiro ou familiares atuantes na Enfermagem (37,5%), o adoecimento de familiares ou do próprio aluno (16,7%) e o fato de ser difícil passar em medicina (12,5%).

Para os fatores motivadores da escolha pela Enfermagem obtiveram-se 28 respostas, das quais ressaltam-se: condições favoráveis (39,2%) caracterizadas pela fácil empregabilidade, salário, ser líder, ascensão

social, gratificação das pessoas, uma das melhores opções na área da Saúde, reconhecimento social; relataram interação familiar, aprimorar o conhecimento, o desejo de passar no vestibular em algum curso, ter ficado cansado do cursinho, à busca por crescimento profissional, curiosidade de conhecer a profissão e o fato de ser uma profissão hospitalar (25,0%); a forma de cuidar caracterizada pela forma humana de cuidado, salvar vidas, ajudar os outros, fazer a diferença, querer ajudar (17,8%).

Os participantes responderam haver preconceito e ter sofrimento por ser homem no curso de graduação em Enfermagem.

Quanto ao tipo de preconceito obteve-se 26 respostas, sendo as mais importantes o preconceito de se ter homem em profissão considerada feminina (50,0%); o julgamento a relacionar enfermeiros a homossexuais (15,4%) e áreas de atuação que não devem ter homens como ginecologia (7,8%).

Os participantes exemplificaram o preconceito relacionado ao ser homem em profissão feminina: pelos docentes quando se dirigem ao grupo de estudantes como as meninas ou futuras enfermeiras, a denotar não haver homens ou que há somente mulheres; o cuidado ser associado ao feminino; a não aceitação de algumas docentes de Enfermagem da área de Saúde da Mulher quando se deparam com homem no grupo; pacientes mulheres não permitiram a realização do exame genital pelo enfermeiro; por parte das mulheres em relação a presença do homem na profissão; o julgamento da sexualidade masculina; a colocação de algumas docentes que o homem é incapaz de ser enfermeiro por ser esta profissão somente para mulheres; o preconceito presente na sociedade caracterizada a Enfermagem como profissão feminina; o histórico de ser profissão feminina; ser profissão com alto índice de homossexuais e ser profissão majoritariamente ocupada por mulheres.

Questionados sobre o que leva a esse determinado preconceito, obtiveram-se respostas com maior prevalência para evolução histórico-cultural com a profissão considerada feminina (39,1%); ideia de que cuidar é prática feminina pelo aspecto materno (34,2%) e a generalização de alguns profissionais sobre os enfermeiros serem homossexuais (7,3%).

Baseado no contexto histórico da profissão questionou-se como se sentiam em estar em curso que é determinado sócio culturalmente para mulheres e os achados mais significativos foram: sentir-se bem (25,0%); deslocado, desnorteado, dificuldade de ter que conviver

Maurício LFS, Marcolan JF.

O ser masculino em sofrimento psíquico...

com tantas mulheres (21,4%); ser diferente, minoria (14,4%).

Referente à análise dos comentários, olhares e estereótipos estabelecidos e observados quando o participante dizia que será enfermeiro, houve 19 (35,2%) respostas para os profissionais da Saúde a realizar tal feito, 18 (33,3%) à sociedade e 17 (31,5%) aos familiares. Quanto ao conteúdo, os profissionais de saúde citaram a desvalorização do ser enfermeiro (7,5%); em relação a sociedade apontaram a falta de conhecimento sobre a Enfermagem (9,3%) e a desvalorização social da Enfermagem (9,3%); quanto aos familiares houve pontos positivos como não ter tido problemas (12,8%) e ter recebido apoio (7,4%).

Para os participantes quando se trata da sociedade, a falta de conhecimento é fator primordial que promove idéias e atitudes pré-concebidas, de modo errôneo e inadequado, sobre a profissão e o ser enfermeiro. Tal fato torna corriqueiro ouvir sobre a submissão ao médico e isto é atribuído ao não conhecimento sobre o trabalho do enfermeiro; o senso comum sobre a profissão desprovido de conhecimento, a desvalorização do profissional, o fazer medicina associado ao *status*, achar que todo enfermeiro é homossexual e o contexto histórico-feminino da profissão.

Esses são fatores que propiciam o desencadeamento de reações significantes do ponto de vista psíquico no estudante durante a graduação.

Ao relatarem sobre os profissionais de Saúde, descreveram sobre a desvalorização do enfermeiro, a submissão ao trabalho médico, falta de conhecimento sobre a profissão, o homem ser valorizado somente em situações em que se exige força física, a crítica ao serem questionados sobre o porquê não fazer medicina; os profissionais da Saúde analisavam o homem na Enfermagem em perspectiva diferente que não se sabe a explicação; a própria Enfermagem não se valoriza.

Questionados sobre a análise dos comentários de seus familiares obtivemos falas dicotômicas caracterizadas por um lado por orgulho de ter o filho enfermeiro e o apoio familiar, por outro o olhar diferente de membros familiares, há fala de que na Enfermagem iria limpar bunda, a desaprovação de pai por se tratar de profissão historicamente feminina, de que deveria ter estudado mais para passar em medicina.

Todos responderam que não pensaram em desistir do curso de Enfermagem pelo fato de

ser homem, mas 9 (56,25%) pensaram desistir por outros motivos como a carga curricular e dificuldade nos estágios; baixo reconhecimento social e pela equipe; baixo salário e rejeição por ser homem.

Indagados se já sofreram algum tipo de preconceito de gênero por estar em um curso que é visto sócio culturalmente como de e para mulheres, 10 (62,5%) graduandos relataram que sim com as seguintes citações:

- Ser homem é sofrer preconceito na Disciplina de Saúde da Mulher 7 (36,9%)
- Discriminações verbais e não verbais 3 (15,7%)
- Julgamento de que os homens na Enfermagem são homossexuais 3 (15,7%)
- Você é inteligente, porque não faz medicina? 2 (10,5%)

O principal tipo de preconceito de gênero segundo os graduandos é o fato de ser homem na disciplina de Saúde da Mulher, com exemplificações como: ser incapaz de realizar a citologia oncológica por ser homem, ser julgado como incompetente durante o estágio de Ginecologia, não ser autorizado pela docente para a realização do exame ginecológico pelo fato de ser homem, ter julgamento preconceituoso relacionado à higiene íntima das pacientes, ser mais cobrado durante o estágio da Disciplina, recusa da paciente a realizar o exame ginecológico e a não aceitação e separação de grupo formado somente por homens para o estágio de Saúde da Mulher.

Em decorrência do preconceito sofrido demandou-se qual foi a reação do graduando, da qual resultaram respostas de revolta, frustração, perplexidade, estresse em relação à postura da docente em Saúde da Mulher (35%); responder aos demais profissionais sobre minha competência, capacidade e conhecimento (30%); sofrimento pelo preconceito com a visão de ser homossexual (25%); não teve problemas ao enfrentar (10%)

Questionados se já tinham passado por algum tipo de sofrimento durante a graduação pelo fato de ser homem no curso de Enfermagem, 10 (62,5%) responderam afirmativamente, as respostas foram em sua maioria relacionadas à disciplina Saúde da Mulher e se encontram na Tabela 1.

Tabela 1. Experiências que geraram algum tipo de sofrimento durante a graduação pelo fato de ser homem no curso de Enfermagem. São Paulo (SP), Brasil, 2013.

Relatos	n (%)
Sofrimento na Disciplina Saúde da Mulher	7 (63,7%)
Chateado pelas docentes de Saúde da Mulher não aceitarem grupo só de homens para fazer estágio	1 (9,1%)
Estresse em Saúde da Mulher: aumento da pressão arterial e dor no estômago	1 (9,1%)
Injustiçado por não fazer papanicolau por ser homem	1 (9,1%)
Intimidado por não conseguir desenvolver bem no estágio e estressado (insônia, ansiedade), medo de reprovação	1 (9,1%)
Vazio por não ter realizado papanicolau, a pedido da paciente	1 (9,1%)
Angustiado, irritado, chateado pela dificuldade de interação com o grupo de mulheres	2 (18,1%)
Incomodado por ser visto pelas alunas de modo negativo como centro das atenções	1 (9,1%)
Cansado fisicamente por ser cobrado em dobro por exigirem mais dos homens	1 (9,1%)

Há 9 (56,25%) que responderam afirmativamente ter vivenciado algum tipo de sofrimento psíquico durante a graduação em Enfermagem pelo fato de ser homem, relataram os seguintes tipos de sofrimento psíquico: frustração por se sentir subjugado na situação, vergonha, tristeza, estar abalado, raiva, indiferença, angústia, vazio, se sentir inútil, desprezado, depressão, estar sem motivação, mudança de personalidade, cansaço, desgaste, pressão por ser homem e ter que mostrar ser melhor, nervoso, oprimido, fechado por ser homem na Enfermagem, estressado e pensou em trancar a matrícula, nervoso pela cobrança dos docentes por ser homem.

As atitudes de enfrentamento diante do sofrimento psíquico gerado pelo fato de ser homem na Enfermagem para sua permanência no curso estão representadas a seguir:

Eu me coloquei como um aluno qualquer. Parei de me cobrar como se fosse diferente
A união com os amigos homens fez com que permanecesse no curso/ Automotivação por parte dos amigos é a principal associação com a minha permanência
Eu tentava entender o porquê da opressão e vi que isso era a falta de liberdade e a partir daí eu comecei a buscar a liberdade, mostrando que eu era capaz de realizar alguma situação
O esforço para atingir as expectativas do outro

Tentei esquecer não levando em consideração as opiniões / segui em frente, não dei importância / fato de a faculdade ser pública e eu não pagar / a amizade foi um fato primordial para minha permanência por meio do apoio, sempre estavam do meu lado
Estudar 18 horas por dia / não encarar a docente, não discutir, encarar tudo com passividade / Usei muito o esporte e os amigos, por meio da recarga de energia - saia da quadra com ânimo para encarar o dia seguinte
Desabafei com colegas e familiares
Criei formas de acreditar que a Enfermagem vale a pena: entrei no Centro Acadêmico, me envolvi politicamente na Escola e em projetos sociais. Foram as questões extras-curriculares que me ajudaram a combater o sofrimento
Meus valores / as coisas que acredito: que o homem é capaz. Ter acreditado no meu potencial / capacidade independente do julgamento das outras pessoas.

Os fatores desencadeantes de sofrimento psíquico em graduandos do gênero masculino na Enfermagem estão na Tabela 2.

Tabela 2. Fatores desencadeantes para sofrimento psíquico e graduandos do gênero masculino na Enfermagem. São Paulo (SP), Brasil, 2013.

Determinantes	n (%)
Cobrança excessiva por ser homem	6 (13,3%)
Preconceito social de gênero	5 (11,1%)
Exclusão de procedimento na disciplina de Saúde da Mulher	3 (6,8%)
Não aceitação do homem na Enfermagem por parte de alguns docentes	3 (6,8%)
Contexto histórico, político e social da Enfermagem	3 (6,8%)
Questões extra faculdade	3 (6,8%)
Baixa autoestima	2 (4,4%)
Ser influenciável	2 (4,4%)
Considerar que homens não são capazes ou indicados para somente alguns procedimentos	2 (4,4%)
Comparação entre o trabalho masculino e feminino	2 (4,4%)
Falta de rede de apoio	2 (4,4%)
Desvalorização da carreira e profissão	2 (4,4%)
Ser minoria no curso	2 (4,4%)
Sentimento de inferioridade/supervalorização das opiniões alheias/falta de personalidade	1 (2,2%)
Julgamento da sexualidade masculina	1 (2,2%)
Obrigatoriedade dos estágios de Ginecologia	1 (2,2%)
Falta de adequação ao ambiente com mulheres	1 (2,2%)
Cobrança excessiva da técnica	1 (2,2%)
Exclusão por ser homem em atividades, conversas e projetos	1 (2,2%)
Exaustão	1 (2,2%)
Relacionamento amoroso na graduação	1 (2,2%)

DISCUSSÃO

Como verifica- se em estudo elaborado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Nacionais (INEP, 2015), a prevalência feminina na Enfermagem é realidade no cenário acadêmico.⁷

A opção pela Enfermagem é fundamentada pelo gostar, ter conhecimento prévio sobre a profissão e ter vivenciado experiência de hospitalização com contato maior com a Enfermagem.⁸ Na mesma perspectiva a influência de terceiros e mídia são determinantes na escolha pela profissão.⁹ O principal motivo de evasão da graduação é a escolha imatura da profissão e o fato de querer outro curso.⁸

Observa-se em nosso estudo que a influência de terceiros e da mídia, a crença na fácil empregabilidade, os testes vocacionais, ter contato durante a hospitalização foram fatores que despertaram o surgimento do interesse pela profissão.

Estes achados estão presentes na literatura¹⁰⁻³ e apesar de percalços, o mercado de trabalho tem sido apontado pelos estudantes como promissor e com retorno satisfatório.

O obstáculo ao ingresso do homem na profissão no início do século XX instituiu a divisão sexual na profissão¹⁴, os preconceitos e estereótipos sociais e políticos criados na profissão e a dominação simbólica feminina na Enfermagem mimetizam o preconceito por ser homem na Enfermagem.¹⁵

É importante salientar que historicamente a prática do cuidado se opõe a crítica de ser prática tipicamente feminina³, pois o cuidado nas tribos do Brasil era realizado por pajés até a chegada dos portugueses, por jesuítas após a chegada dos religiosos, e até mesmo por escravos, ou seja, configurada uma prática mista.¹⁶ A divisão sexista está presente já na visão de alunos de Enfermagem e a prática conta com elementos segregadores a provocar a incorporação dos mesmos para a vida profissional.¹⁷

O preconceito por ser homem na Enfermagem justifica-se pelo fato de ser profissão historicamente exercida de modo hegemônico por mulheres, determinada a dominação simbólica da mulher. Tal dominação acarreta em segregação sexual do ser masculino sustentada pela sociedade, a gerar e determinar os preconceitos percorridos neste estudo acerca da presença do homem na mesma.

Para os participantes, outro fator que leva ao preconceito por ser homem na Enfermagem é a generalização de que os enfermeiros são homossexuais. Este apontamento se coaduna com o descrito na literatura em que um dos estereótipos que os homens têm que enfrentar é o rótulo de que são homossexuais.¹⁸

Mediante os achados na literatura^{3,8,15,18-22} é perceptível que o julgamento sobre a sexualidade do enfermeiro sofre a influência do contexto histórico, político e social da Enfermagem e por ser profissão eminentemente feminina ocorre a formação social do preconceito. Desse modo, a figura do homem é objeto de injustiça social pelo

Maurício LFS, Marcolan JF.

O ser masculino em sofrimento psíquico...

questo de gênero, caracterizadas por questões levantadas neste estudo que podem ser reais, puro preconceito, desinformação ou manutenção da condição de hegemonia ou todas essas possibilidades.

Nos dias atuais, pela mudança de paradigma quanto aos papéis e funções relacionadas ao gênero, o fato da Enfermagem ser exercida predominantemente por mulheres provoca a necessidade da discussão baseada nas desigualdades quanto à inserção do ser masculino na profissão, com vistas a extinguir o preconceito, aproximar relações, evitar conflitos e competição, promover integração e atingir patamar mais alto de qualificação para a profissão.

A percepção dos estudantes aponta que há desvalorização do enfermeiro pelos próprios profissionais da saúde, o que fundamentalmente torna necessário que os profissionais da Enfermagem busquem estratégias que sejam capazes de elucidar seus próprios valores¹⁵ a fim de atuar contra o preconceito.

Segundo os participantes quando se trata da sociedade, a falta de conhecimento é fator primordial que promove atitudes e ideias pré-concebidas de modo errôneo e inadequado sobre a profissão e o ser enfermeiro. Há necessidade de campanhas informativas em veículos de divulgação de massa.

As atitudes preconceituosas por parte da família ao optar em cursar a Enfermagem são evidenciadas na literatura¹⁵ e em parte confronta-se com os dados achados neste estudo, pois para parcela significativa de estudantes a família era objeto de apoio e não de preconceito.

Preconceitos e estereótipos fazem parte da história da Enfermagem, determinados pelo fato da profissão ser exercida basicamente e predominantemente pela força de trabalho feminina¹⁵. Mostra a força do preconceito de gênero na Enfermagem o fato de alunos se preocuparem com a imagem do masculino na Enfermagem, por ser eivada de preconceitos sociais e estereotipada pela associação com o ser homossexual.²³

O enfrentamento do preconceito durante a formação acadêmica pelos graduandos, independentemente do sexo, se dá por meio da divulgação do que é Enfermagem, do atuar com competência profissional, mostrar a importância do trabalho em equipe, pois este poderá ser ferramenta para o reconhecimento do enfermeiro; desmistificar nas relações interprofissionais sobre o que é a Enfermagem e adotar medidas frente ao preconceito ao instigar a mudança dos estereótipos sociais e

reforçar o reconhecimento do enfermeiro na sociedade.¹⁵

O sofrimento é caracterizado como qualquer situação aversiva e sua emoção negativa correspondente, geralmente associado à dor e infelicidade.²⁴

Ressalta-se que a literatura é escassa quando se trata de sofrimento, em específico sofrimento psíquico, no estudante de Enfermagem independente do sexo e nenhum achado a respeito de sofrimento psíquico pelo fato de serem homens em curso de graduação de Enfermagem.

Para os que relataram não ter sofrido psiquicamente pelo fato de ser homem no curso, acreditamos que isto se deva pelo fato do pouco contato com áreas específicas da Enfermagem por estarem nas séries iniciais do curso com pouco ou nenhum contato com a área hospitalar ou ainda não ter realizado a Disciplina de Saúde da Mulher.

Os estudantes buscaram alternativas que visavam minimizar o sofrimento psíquico gerado e criadas possibilidades de equilíbrio diante das situações vivenciadas. O fato de se agruparem pela semelhança sexual foi ferramenta estratégica na busca da promoção da união e superação das barreiras, a valorização e o fortalecimento da sua identidade sexual para manter sua condição de gênero.

Promover modificações nesse quadro de revelações que foram vivenciadas e relatadas pelos participantes de nosso estudo é necessário e premente. Tornar claro e real o diálogo no âmbito acadêmico e social sobre a presença do homem na Enfermagem é de suma importância para sanar as diferenças de comportamento e atribuições preconceituosas limitadas ao ser masculino, na busca de fortalecer a Enfermagem como profissão não só caracterizada pelo feminino, mas sim como profissão que congrega a força de trabalho masculina e feminina, com a promoção de espaços livres e democráticos em carreira adequada para ambos os sexos.

Para mudar o espectro preconceituoso que ronda a Enfermagem é necessário extirpar as posturas e condutas absurdas dos próprios profissionais da Enfermagem e da Saúde, concomitantemente implantar estratégias com vistas ao panorama social.

Infelizmente tivemos a inadequação dos docentes ao promover preconceito e ações discriminativas, a favorecer o processo inadequado de ensino-aprendizagem e a causar sofrimento aos estudantes. Aponta para atitudes inaceitáveis e não condizentes

com o preparo que se espera de quem está à frente da formação de futuros profissionais.

É inadmissível que docentes destilem tamanho preconceito e desinformação em época tão propícia à luta pela inclusão de minorias em todas as partes e se escorem em argumentos tão arcaicos e discriminatórios.

Tivemos como limitações os poucos estudos publicados sobre o tema e neste estudo pequeno número de participantes, o que aponta para a necessidade de estudo de abrangência nacional que sugerimos deveria ser desenvolvido pelos órgãos representativos da Enfermagem brasileira.

CONCLUSÃO

O estudo trouxe à discussão problemática invisível, presente não só no cenário social, mas também no ambiente de trabalho e principalmente no acadêmico, e que perpassa as relações entre sociedade, profissionais da saúde, docentes e estudantes do gênero masculino na Enfermagem.

Todos os participantes desenvolveram algum tipo de sofrimento psíquico pelo fato de ser homem na Enfermagem. Os estereótipos e preconceitos à presença do ser masculino na Enfermagem foram fatores norteadores para que os estudantes desenvolvessem algum tipo de sofrimento psíquico.

A atuação de modo crítico e proativo determinou as atitudes de enfrentamento do sofrimento psíquico gerado e a permanência do estudante no curso.

O sofrimento gerado pelo fato de ser do gênero masculino em curso de graduação em Enfermagem deve ser tornado claro, para que o graduando se aproprie das informações e as use em seu benefício, no entanto, é necessário que o sujeito que sofre tal processo conheça as relações ligadas a Enfermagem no seu contexto histórico e político, a reforçar sua atuação crítica e proativa, com vistas cada vez mais à inclusão do ser masculino na profissão.

REFERÊNCIAS

1. Osses PC, Suazo VS, Alvarado OS. Hombres en la enfermería Profesional. Enfermería Global [Internet]. 2010 Feb [cited 2012 Mar 15];9(1):1-7. Available from: <http://revistas.um.es/eglobal/article/view/93761>
2. D'Antonio P. Florence Nightingale by herself. Bull Hist Med [Internet]. 1995 Summer [cited 2012 Mar 15];69(2):278-87. Available from:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7613068>

3. Pereira A. Reflexões sobre a evolução da Enfermagem e o surgimento do homem na profissão. Acta Paul. Enferm [Internet]. 1991 June/Dec [cited 2012 Mar 15];4(2):49-54. Available from: <http://www2.unifesp.br/acta/index.php?volume=4&numero=2-4>
4. Mott ML, Oguisso T. Discutindo os primórdios da Enfermagem no Brasil: o curso de enfermeiras na Policlínica de Botafogo (1917-1920). Rev Paul Enf [Internet]. 2003 Apr [cited 2012 Mar 15];22(1):82-92. Available from: <http://pesquisa.bvsalud.org/enfermagem/resource/pt/his-9475>
5. Humerez DC de, Krempel MC, Barreto IS. O Cofen e a Enfermagem na América Latina. Enfermagem em Foco [Internet]. 2011 [cited 2012 Mar 15];2(4):251-54. Available from: <http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/195>
6. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 466, de 12 de Dez. de 2012: diretrizes e normas regulamentadoras envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde; 2012.
7. Brasil. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da educação superior 2013: resumo técnico. Brasília: Ministério da Educação; 2015.
8. Barlem JGT, Lunardi VL, Bordignon SS, Barlem ELD, Lunar de Filho WD, Silveira RS et al. Opção e evasão de um curso de graduação em Enfermagem: percepção de estudantes evadidos. Rev Gaúcha Enferm [Internet]. 2012 June [cited 2012 Set 04];33(2):132-38. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472012000200019
9. Spíndola T, Martins ERC, Francisco MTR. Enfermagem como opção: perfil de graduandos de duas instituições de ensino. Rev Bras Enferm [Internet]. 2008 Mar/Apr [cited 2012 Sept 04];61(2):164-9. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n2/a04v61n2>
10. Menezes SS, Baptista SS, Barreira IA. O perfil das(os) alunas(os) de Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery: décadas de 20,30 e 90. Esc Anna Nery Rev Enferm [Internet]. 1998 Apr/Sept [cited 2012 Sept 05];2(1/2):34-47. Available from: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/ia>

[h.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=1012&indexSearch=ID](http://www.bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=1012&indexSearch=ID)

11. Spíndola T, Moreira A. O aluno e a Enfermagem: por que esta opção profissional? Esc Anna Nery Rev Enferm [Internet]. 1999 Dec [cited 2012 Sept 10];3(3): 25-36. Available from: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=9755&indexSearch=ID>
12. Mota NF, Agra AL, Viana JML, Takashi MH, Oguisso T, Freita de GF. Perfil de estudantes da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (1980-1981): abordagem quantitativa. Acta Paul Enferm [Internet]. 2010 June/Sept [cited 2012 Set 10];23(1):48-52. Available from: <http://www.redalyc.org/html/3070/307026617023/>
13. Santos CE, Leite MMJ. O perfil do aluno ingressante em uma universidade particular da cidade de São Paulo. Rev Bras Enferm [Internet]. 2006 Mar/Apr [cited 2012 Sept 14];59(2):154-6. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arctext&pid=S0034-71672006000200006
14. Lopes MJM, Meyer DE, Waldow VR. O sexo do hospital. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996.
15. Jesus ES, Marques LR, Assis LCF, Alves TB, Freitas GF, Oguisso T. Preconceito na Enfermagem: percepção de enfermeiros formados em diferentes décadas. Rev Esc Enferm USP [Internet]. 2010 Mar [cited 2012 Sept 20];44(1):166-73. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arctext&pid=S0080-62342010000100024
16. Oxtoby K. Men in Nursing. Nurs Times [Internet]. 2003 Aug [cited 2012 Sept 20];99(32):20-3. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/14515543>
17. Souza LL, Araújo DB, Silva DS, Bêrredo VCM. Representações de gênero na prática de enfermagem na perspectiva de estudantes. Ciências & Cognição [Internet]. 2014 Apr/June [cited 2014 Jan 15];19(2):218-232. Available from: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/908>
18. Santo TBE, Oguisso T, Fonseca RMGS. A profissionalização da Enfermagem brasileira na mídia escrita no final do século XIX: uma análise de gênero. Rev Latino-Am Enfermagem [Internet]. 2011 Sept/Oct [cited 2014 Set 22];19(5):1265-71. Available from: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n5/pt_26.pdf

19. Lopes MJ, Leal SMC. A feminização persistente na qualificação profissional da Enfermagem brasileira. Cad Pagu [Internet]. 2005 Jan/June [cited 2014 Set 23];(24):105-25. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a06.pdf>
20. Meadus RJ, Twomey, JC. Men Student Nurses: The Nursing Education Experience. Nursing Forum [Internet]. 2011 Oct/Dec [cited 2014 Sept 23];46(1):269-79. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22029770>
21. Parga EJS, Souza JHM de, Costa MC, Ferreira SL. Estereótipos e preconceitos de gênero entre estudantes de Enfermagem da UFBA. Revista Baiana de Enfermagem [Internet]. 2001 Apr [cited 2014 Nov 01];14(1):111-8. Available from: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1776/1/3846-9292-1-PB.pdf>
22. Neves FBS, Benito GAV. Refletindo sobre avaliação de desempenho do enfermeiro no contexto do Sistema Único de Saúde. Rev bras enferm [Internet]. 2004 July/Aug [cited 2014 Nov 01];57(4):459-63. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arctext&pid=S0034-71672004000400014
23. Ojeda BS, Eidt OR, Canabarro S, Corbellini VR, Creutzberg R. Saberes e verdades acerca da enfermagem: discursos de alunos ingressantes. Rev bras enferm [Internet]. 2008 Jan/Feb [cited 2014 Nov 06];61(1):78-84. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n1/12.pdf>
24. Lima MS, Rêgo RMV, Maia LFRB, Nogueira LSS, Souza AMA. Sofrimento psíquico do enfermeiro assistencial em hospital geral: desafios e possibilidades. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2014 Feb [cited 2014 Dec 17];8(2):286-93. Available from: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/3420/pdf_4534 doi: 10.5205/reuol.4688-38583-1-RV.0802201408

Submissão: 24/05/2016

Aceito: 28/11/2016

Publicado: 15/12/2016

Correspondência

Luiz Felipe Sales Maurício

Hospital Nove de Julho

Bloco Não Cirúrgico

Rua Peixoto Gomide, 625, 6º piso do bloco A
CEP 01409-302 – São Paulo (SP), Brasil